

**O PERDÃO: ADULTÉRIO, REPRESSÃO E SUICÍDIO<sup>1</sup>**  
**O PERDÃO: ADULTERY, REPRESSION AND SUICIDE**

Lívia Alves de Barros<sup>2</sup>  
Fani Miranda Tabak<sup>3</sup>

**Resumo:** A partir da análise da obra *O perdão*, de Andradina de Oliveira (2010), busca-se evidenciar, principalmente, o papel da mulher na sociedade patriarcal e temáticas que se relacionam à repressão sofrida pelas mulheres, os lugares sociais por elas ocupados, a relação adúltera dentro do matrimônio, o desejo sexual reprimido e os dramas de consciência. Por fim, mostra-se, também, as principais consequências provenientes de toda a repressão sofrida pela personagem principal da obra, Estela, que encontra uma única saída para livrar-se de toda pressão social e psicológica: o suicídio.

**Palavras-chave:** repressão; mulher; sociedade.

**Abstract:** Based on the analysis of the book *O perdão*, by Andradina de Oliveira (2010), the main purpose is to emphasize the role of women in a patriarchal society and issues related to the repression suffered by women; the social position they occupy; an adulterous relationship within a marriage, repressed sexual desire and dramas of consciousness. Finally, it is also important to show the main consequences of all the repression suffered by the main character of the work, Estela, that finds just one way to get rid of all the social and psychological pressure: the suicide.

**Keywords:** repression; woman; society.

## Introdução

Andradina América Andrade de Oliveira, nascida no município de Porto Alegre em 12 de junho de 1878, foi escritora, jornalista, professora e uma das principais figuras feministas representativas de seu tempo, deixando suas ideias expressas por meio do legado literário que deixou com diversas obras escritas ao longo de sua vida. Concluindo o curso de magistério que fizera em sua cidade, dedicou-se à prática docente em escolas da rede pública por anos até que em 1898 fundou o jornal “Escrínio”, cuja repercussão não se prendeu apenas à cidade porto-alegrense mas atingiu nível nacional, já que o mesmo recebia periódicos de todos os lugares do Brasil, abrindo, portanto, fronteiras à literatura, à informação e à diversidade da cultura brasileira.

---

<sup>1</sup> Trabalho selecionado entre os melhores trabalhos apresentados na III JIEPE (2017) para compor a seleção dos melhores trabalhos a serem apresentados na SBPC (2018).

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Professora da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. Contato: [livia\\_barross@hotmail.com](mailto:livia_barross@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professora Associada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com ênfase nos estudos de gênero e letramento literário. Contato: [fanitabak@hotmail.com](mailto:fanitabak@hotmail.com)

A autora aproveitou-se da realização do jornal para que pudesse publicar suas obras em forma de folhetim, atingindo, assim, diversos públicos, principalmente o feminino pois, devido ao aumento da taxa de alfabetização das mulheres, começaram a ser publicados romances que podiam atingir esse público leitor, já que haviam assuntos que eram destinados somente às mulheres, como artigos relacionados à cozinha, à vida doméstica ou então assuntos considerados sentimentais, denunciando um espaço que se restringia apenas à visão feminina. Desta forma, vê-se que no próprio formato do folhetim já havia essa visão da mulher reduzida à domesticidade e à construção de estereótipos femininos.

Se considerarmos a época em que Andradina escreveu suas obras defendendo e colocando em destaque o papel da mulher na sociedade, pode-se dizer que a escritora marcou grande presença, pois até então não era um tópico discutido de forma tão ampla, sendo, portanto, considerada mais uma das defensoras brasileiras dos direitos femininos.

Ao longo de sua vida, escreveu diversas obras como *Divórcio?*, *Cruz de pérolas*, *O sacrifício de Laura* entre outras. Uma delas foi a obra *O perdão*, discutida neste trabalho. *O perdão* é um dos grandes exemplos que coloca a mulher como protagonista da história. A narrativa se desenrola a partir de suas atitudes, mostrando seu papel em relação ao modelo patriarcal de família em que o homem tem maior representação diante de seus familiares e também diante da visão representativa que passa à sociedade. Logo, o homem é considerado a figura principal social e economicamente. Desta forma, resta à mulher exercer a função de uma mera “dona de casa”, responsável por ficar presa em sua própria moradia cuidando de seus filhos com a ajuda de suas amas.

Essa redução da mulher à dona de casa contribuía para que certos estereótipos fossem construídos, principalmente se considerarmos a crença que se instaurava na sociedade de que as mulheres pertenciam ao “sexo frágil”, não podendo executar trabalhos pesados, sendo destinados apenas aos homens da casa. Como afirma Soihet (2011), o fato da mulher ser a única responsável por cuidar de seus filhos e de sua casa era porque tais situações eram próprias do sexo feminino, considerado instintivo na mulher desde sempre. Não consideravam, portanto, o ofício de ser mãe e dona de casa ao mesmo tempo como um trabalho

árido, já que era algo inerente ao destino feminino. Havia, então, uma “invisibilidade atribuída ao trabalho doméstico e ao cuidado com as crianças, que apareciam como algo instintivo e emanado do amor” (SOIHET, 2011, p. 273).

Ao longo da obra, há também a questão de como a traição é vista diante da sociedade. Portanto, analisa-se, neste trabalho, a questão do adultério, tema que se mostra tão recorrente em diversos romances brasileiros, tais quais Dom Casmurro, de Machado de Assis, e Madame Bovary, de Gustave Flaubert.

Outro ponto importante a ser discutido aqui é a questão da morte que também aparece em outros discursos, podendo nos fazer imaginar o fim trágico que o romance desencadearia, não só para Estela mas também para sua irmã mais nova Celeste.

Desta forma, o livro caracteriza-se por conter um enredo que, ao mesmo tempo em que nos traz diversas faces e comportamentos das pessoas, ainda relata um assunto muito importante quando se trata sobre mulheres. Mesmo que seja uma obra feita por uma autora brasileira no início do século XX, o assunto atinge a sociedade como um todo no cenário atual.

### **“O perdão” e suas temáticas**

A narrativa se passa na cidade de Porto Alegre e caracteriza-se por ter personagens bem diferentes entre si, apesar da maioria ser integrante de uma mesma família. Assim, no romance, há a presença de duas famílias principais e os amigos, parentes e criados relacionados a elas. A primeira família constitui-se pelo casal Paula e Leonardo, e suas três adoráveis filhas: a primogênita Estela, Lúcia e a frágil caçula (e angelical) Celeste, como o próprio nome sugere, servindo-lhe ao mesmo tempo como nome e atributo dado à sua personalidade. Em um segundo momento do romance, o foco recai sobre a família formada por uma das filhas de Leonardo e Paula, Estela, que se casa com Jorge. Juntos, os dois têm dois filhos.

A partir da leitura da obra, percebe-se que o papel da mulher é basicamente ficar isolada entre quatro paredes, subordinada e reduzida ao papel de dona de casa. Todo esse isolamento e exclusão social da mulher pode ser visto pelo discurso da personagem Zina, tia de Estela: “Estela tem juízo [...] e compreende verdadeiramente os seus deveres. A mulher depois de casada morre para o mundo.

É tratar do marido e dos filhos e nada mais” (OLIVEIRA, 2010, p. 142). Observa-se, através da fala da personagem, que a criação dos filhos e os afazeres domésticos são deveres exclusivos da mulher, considerada ajuizada somente se cumprir tais funções. Ao ser rebatida pela sobrinha Paula, dizendo que não se pode ter absurdos pensamentos como esse, preconceituosos em relação à mulher, a personagem Zina tenta justificar sua fala, porém, acaba evidenciando mais uma crença da posição feminina na época: “Não digo que não se saia... Pode-se sair... todos os dias até... ir à igreja... à missa... A oração nos conforta... nos dá forças...” (OLIVEIRA, 2010, p. 143). Nessa perspectiva, vê-se que as mulheres eram permitidas a sair de casa somente se fossem para a Igreja, enquanto que Jorge e Armando, por exemplo, tinham liberdade de sair quando quisessem, sem restrições de lugares e sem ter que dar justificativas. Claramente se vê a liberdade dos homens em contraste com as restrições das mulheres.

Logo, todo esse discurso está presente na vida de Estela e de suas irmãs, Celeste e Lúcia, contribuindo, mais uma vez, para a redução de qualquer pensamento fora desse paradigma. Conclui-se que “a mulher, ao viver em função do outro, não tem projeto de vida própria; atuando a serviço do patriarcado, sujeitando-se ao protagonista e agente da história: o homem.” (SOIHET, 2011, p. 403).

Um ponto importante a observar é como a sociedade é representada durante a obra, sempre no sentido de cobrar um comportamento recatado das mulheres da família: “estava poluída... manchada... para a família... para a sociedade” (OLIVEIRA, 2010, p. 208). O próprio sobrinho de Estela, Armando, tem consciência do que a relação extraconjugal com sua própria tia ocasionaria e se culpa por isso:

Sua consciência lhe bradava, sem piedade, fria, de uma severidade inteiriça: ‘Nos teus braços ela perdeu o respeito da sociedade [...]. Arrancaste-a do luxo, da pompa para a lançares na miséria! Maculaste-lhe o nome e não lhe podes dar outro!’ (OLIVEIRA, 2010, p. 227).

Vê-se, portanto, que Armando já imaginava como a sociedade comportaria diante disso e, por fim, como Estela seria julgada pelas pessoas. Desta forma, pode-se dizer que a partir da obra aqui analisada, as implicações que tangem a vida de Estela saem de uma perspectiva individual para representar uma coletividade, pois a protagonista representa um todo, um grupo social estabelecido pelas mulheres. Portanto, a “construção da realidade social não é somente um empreendimento

individual, podendo também tornar-se um empreendimento coletivo” (BOURDIEU, 2004, p. 158). Apesar de inúmeras diferenças dentro de um mesmo grupo (até porque as mulheres não devem ser rotuladas como semelhantes entre si), supõe-se que da mesma forma que Estela subordinava-se ao seu marido e, anteriormente, ao seu pai, havia outras mulheres na mesma posição. Ao longo de muitos anos continuou essa realidade até que, aos poucos, as mulheres foram ganhando espaço e reconhecimento mediante às lutas pelo fim da subordinação, invisibilidade e impotência, como aponta Scott (1992), criando-se uma identidade coletiva de mulheres. Luta que se mostra contínua e necessária até hoje.

O próprio signo “mulher” foi se alterando com o tempo, pois, segundo Bourdieu (2004, p. 161):

os objetos do mundo social [...] podem ser percebidos e expressos de diversas maneiras, porque sempre comportam uma parcela de indeterminação e fluidez, e, ao mesmo tempo, um certo grau de elasticidade semântica.

Havia uma representação para definir o que era mulher no século XX que, a partir da luta de classes feita pelas mulheres, aos poucos, foram ganhando certa visibilidade no espaço social, posicionando-se, finalmente, como membros da história. Isso só é possível através do poder simbólico, teorizado por Bourdieu (2004), que discute esse poder de construir grupos e enfim conseguir certo valor:

um grupo – classe, sexo (gender), região, nação – só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer, dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento (BOURDIEU, 2004, p. 167).

Portanto, havia uma construção social do que significava ser mulher, possuindo um valor negativo em que a mulher é representada como inferior ao homem. Isso contribui para uma relação hierárquica entre homem e mulher, cujo poder masculino se sobrepõe ao feminino. Todo esse poder simbólico contribuiu para o silenciamento da voz das mulheres, e, conseqüentemente, para o apagamento de suas identidades, marginalizando-as. Isso ocorreu com a própria autora da obra, Andradina de Oliveira, cujo reconhecimento literário ocorreu apenas muitos anos depois do lançamento de suas obras. Justamente por esse silenciamento, suas obras não são consideradas dignas de serem reconhecidas nacionalmente para fazer parte integrante do cânone literário. Ainda se vê o grande

número de renomados autores masculinos em contraste com o número reduzido de mulheres escritoras, já que a produção literária delas era considerada como algo menor.

As consequências de tal domínio estão presentes até hoje, visto que as mulheres ainda lutam pela conquista da igualdade, do respeito e do reconhecimento em pleno século XXI.

Essa invisibilidade da mulher se dá também na história documentada sobre elas, sendo, portanto, um campo para estudos em emergência, como afirma Scott (1992). Daí a importância das lutas femininas por igualdade, para que enfim sejam ouvidas, para que consigam reconhecimento historiográfico que redefinias suas posições: “reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como ‘verdadeiros’” (SCOTT, 1992, p. 77).

Percebe-se que Andradina de Oliveira não se preocupava somente em evidenciar o papel da mulher na sociedade como um todo em século XIX e XX, mas denunciava, por meio de dicotomias, a hierarquia presente naquela sociedade, opondo-se o rico ao pobre, o branco ao negro, o homem à mulher. Logo, vemos um exemplo claro da arte como forma de denunciar as mazelas do ser humano.

Quando se trata sobre a historiografia das mulheres, percebe-se que ainda é incompleta justamente por essa hierarquia social estabelecida, voltando a atenção historiográfica somente ao homem. Daí a importância da luta das mulheres pela inserção das mesmas na sociedade como um direito de igualdade.

Destaca-se, portanto, a importância que a obra nos traz diante o cenário brasileiro, abordando temas sociais relevantes para contribuir com a narrativa da história do homem ao longo dos anos.

Percebe-se, também, que a questão do adultério era tratada de forma mais oculta possível, até porque a família ocupava um importante lugar social diante das pessoas, recaindo maior cobrança para que tudo fosse perfeito, pelo menos aparentemente, para que a visibilidade da família patriarcal não apresentasse erros. Era necessário manter as relações aparentes, não importando o que realmente ocorria dentro do núcleo familiar, mas sim a visão externa que os outros tinham de

tal família. Desta forma, qualquer coisa considerada transgressora das regras sociais estabelecidas, era preciso tratar de forma mais oculta possível para que aquilo não atingisse o público. O mais importante é a visibilidade que a família precisa passar, e não o que, de fato, ocorre entre eles. Porém, a tentativa de se esconder a relação adúltera falha e justamente por causar escândalo às pessoas, faz com que Estela tenha um final trágico.

É importante salientar também que a questão do adultério, na narrativa, tinha um valor diferente do que se tem atualmente. Além disso, a relação adúltera era condenada pela Igreja, que tinha total influência e poder sobre o comportamento social.

O comportamento dos membros da família e da sociedade como um todo, recaindo maiormente sobre a reputação das mulheres, era totalmente controlado pelo receio de virarem alvos negativos. A questão é que esse assunto, pelo olhar que o narrador nos fornece, parece recair apenas sobre o lado da mulher, negatizando-a, pois, quando se trata do homem, não parece ser um tabu. Isso se dá pelo fato de que se o homem comete adultério, há maior aceitação das pessoas, ou pelo menos menor julgamento, sendo até perdoável, pois ele é a figura máxima de sua família, ocupando o lugar social mais alto, acima de sua mulher e de seus filhos. O próprio narrador tece comentários a respeito, evidenciando as diferenças entre homens e mulheres a respeito do adultério:

Fazia-se a luz no seu cérebro apaixonado e ela, numa intuição dolorosíssima, bem sentia que o homem pode se reerguer do lodo, purificado pelo homem, mas que a mulher, uma vez tombada, embora a alma ascenda até Deus, será a eterna condenada pelas desumanas e monstruosas leis da sociedade. (OLIVEIRA, 2010, p. 240-241).

Por manter tal posição social, sendo o que domina a casa financeiramente, o adultério se torna menos agravante se praticado por ele. Isso é visto a partir da própria narração: “Para todos os crimes do homem há atenuantes; para os erros da mulher só há agravantes” (OLIVEIRA, 2010, p. 240). É interessante destacar também essa questão de acordo com o Código Civil da época em que se passa a obra. Segundo o artigo 319: “O adultério deixará de ser motivo para desquite: I. Se o autor houver concorrido para que o réu o cometesse”. A personagem Estela acaba sendo, portanto, duplamente culpada por seus atos, desrespeitando não só sua

família, mas a própria lei do matrimônio. A partir disso, vê-se que o adultério pode ser justificado pelo olhar masculino, como se fosse o ato, cometido por ele, fosse perdoável diante todo o esforço que faz pela família. Já a mulher, por não ter nenhuma autonomia na sociedade como um todo, não era passível de erros, não podia cometer tamanha indecência, considerada até criminosa por seus atos ilícitos e pecadora por ir contra os dogmas religiosos. A própria obra nos exemplifica quando é revelado que Armando, sobrinho de Jorge, costumava sair com várias mulheres quando ainda morava no Rio de Janeiro, enquanto que isso, para uma mulher, era inaceitável, sendo taxada como indecente.

Antes mesmo da personagem principal, Estela, relacionar-se sexualmente com o sobrinho de seu marido, o adultério já aparece em outros discursos, como o de suas amigas/conhecidas. Ou seja, esse assunto, de certa maneira, já estava presente na família. A própria amiga de Estela, chamada Comba, justifica a traição como “[...] coisas da vida! Consequências da indissolubilidade do nó matrimonial” (OLIVEIRA, 2010, p. 157). Logo, já se acostumou com a ideia de ver seu marido traindo-a e fazendo o mesmo com ele. O tempo todo Estela nega e se espanta com tais afirmações, tentando negar aquilo que viria a acontecer logo depois. Segundo Jorge, essa amiga era uma péssima influência para Estela, porém, percebe-se que o adultério não foi realizado por influências externas, mas por uma própria inquietação da personagem, por um desejo carnal por um homem que podia suprir suas vontades diante da ausência de seu próprio marido.

Outra situação presente na obra de forma bem clara são as posições sociais das personagens. De um lado, toda a família rodeada pelo luxo, pela enorme casa com móveis importados, ou seja, o lado pomposo. Por outro lado, o lado da miséria aparece diversas vezes com a presença das personagens pobres, como os próprios criados que servem à família; a amiga de dona Paula, denominada como Birutinha, e os pobres que iam à casa uma vez por semana para se alimentarem da comida que Celeste e sua tia, caridosamente, preparavam. O contraste entre as duas posições sociais é descrito a partir das características físicas dadas aos personagens de cada grupo: “A boca, cravo umedecido, era cofre de pérolas preciosas” (OLIVEIRA, 2010, p. 41), descrevendo traços físicos de Estela, enquanto que Eva, uma das criadas, responsável por cozinhar para os que vivem na casa de Jorge, não possuía sequer

dentos. Até mesmo quando elogiavam Eva, usavam o termo para referenciá-la como “o diabo da negra”.

É interessante notar também como o espaço é descrito de acordo como os acontecimentos. Enquanto ainda não houve a tragédia entre a família causada pela relação extraconjugal, o cenário em volta demonstra ser um lugar de paz e luxuoso, onde as pessoas próximas vivem sempre em harmonia, umas se relacionando bem com as outras. O cenário é descrito luxuosamente, nos mostrando por onde se passa toda a narrativa. Entretanto, quando há a traição, há uma desestruturação não só em relação às personagens, mas também ao ambiente: a casa que era descrita como organizada, se mostra totalmente bagunçada. O quarto de Estela, no dia de sua fuga com Armando, se apresenta em uma enorme bagunça: roupas estiradas para todos os lados, acessórios jogados ao chão, etc. Dentre os criados da casa, também há um desequilíbrio, pois, estes, quando Estela sai de casa, aproveitam-se do momento para então ocuparem os mesmos lugares ocupados antes pelos patrões. Assim, se reúnem na sala de jantar, ocupam os lugares antes ocupados pela família e então festejam, sempre com comentários maldosos em relação ao que ocorreu. Pela primeira vez, sentiram-se em uma posição acima de seus patrões, tendo assim, a inversão de posições sociais. Durante o jantar, há uma confusão entre eles, deixando o cenário mais desestruturado ainda. Assim, percebe-se que a relação extraconjugal na família fez com que houvesse o desequilíbrio não só emocional, representado principalmente por Estela e por Celeste, as mais prejudicadas devido ao ato, mas também estrutural, nos quais os móveis, objetos em volta entram em total desorganização. O ápice de toda a descoberta da traição entre o casal, faz com que tudo se torne um caos, personificado no próprio espaço descrito. A desorganização espacial é uma metáfora da desorganização interior da mulher e/ou, inclusive, da sociedade desordenada como um todo.

### **A representação do feminino em “O perdão”**

O contraste entre as irmãs nos mostra pelo menos duas representações antagônicas do feminino na obra: uma perspectiva positiva, sendo representada por Celeste, e uma representação negativa, por Estela.

Celeste, a caçula da família, caracteriza-se por ser uma menina com traços angelicais, sendo assim descrita: “É uma criatura bem diferente das outras! Parece

que nem é da terra!” – É uma santinha!” (OLIVEIRA, 2010, p. 88-89). Está sempre com olhos tristonhos e que vai cada vez mais se definhando. Toda essa melancolia presente na vida de Celeste é representada ao longo da obra por diversos traços, desde sua personalidade até traços físicos e cromáticos, como a cor azul, que, segundo a obra, está sempre acompanhando-a, desde os objetos ao seu redor até seus próprios olhos. Logo, o aspecto cromático presente na obra tem a função de reforçar os sentimentos que Celeste tinha e as ações que acontecem ao longo do romance. A própria obra, então, nos mostra que seus sentimentos a levariam à morte, antes mesmo do ato acontecer: “Celeste, a irmã querida, que, heróica, sufocava a paixão funesta que, sabia, a levaria à cova” (OLIVEIRA, 2010, p. 164).

Já Estela possui características físicas opostas à de sua irmã Celeste, tendo seus cabelos representados pela cor negra e lábios sempre rubros, dando-lhe uma característica mais sedutora, assim como as roupas que usava, deixando certas partes do corpo à mostra, as quais logo chamaram a atenção não só de Armando, mas de todos que a olhavam. Tais modos de vestir, considerados como atrevidos pela fala de uma das personagens, foram, inclusive, um dos argumentos para justificar o beijo entre Armando e Estela, nos mostrando que tal ato só ocorreu porque ela “vestia-se de maneira imprópria” (OLIVEIRA, p. 117, 2010). Tal pensamento nos mostra um viés específico da cultura não só daquela época, mas também atual, na qual se justificam atos de acordo com as vestimentas de uma mulher, como se aquilo fosse responsável por seus desígnios.

Desta forma, a partir da comparação entre as irmãs, vê-se que Celeste é a representação máxima da pureza e inocência, satisfaz-se apenas com o sorriso do amado, não precisando de mais nada além disso para alegrar seu dia. Pode-se dizer, portanto, que é a clara representação da personagem romantizada. Tudo em sua volta parece entristecê-la, buscando alento em um simples sorriso de Armando. Não sofre apenas porque seu amor não é correspondido, mas porque tudo contribui para que a deixe nesse estado. É uma personagem romantizada, sofrendo porque tudo ao seu redor a leva ao definhamento. Celeste é a representação da mulher que se aniquila para amar, cujo envolvimento amoroso a leva à tragédia. Não suporta a realidade, restando-lhe apenas a morte para cessar profundo sofrimento.

Estela, ao contrário de sua irmã, representa uma mulher insatisfeita com sua vida em geral. Por não exercer alguma atividade que fosse considerada interessante, ou pelo menos diferente de sua vida rotineira, pode se dizer que a personagem tinha uma vida monótona, restando-lhe apenas o aprisionamento, já que “apenas a casa, a maternidade e a família eram os lugares que definiam como possíveis para as mulheres” (SOIHET, 2011, p. 278). Isso contribui para o esvaziamento existencial da mulher, que pode ter sido o grande impulso para Estela buscar novas aventuras ou outras experimentações. Podemos relacionar essa busca na própria relação extraconjugal, procurando satisfazer aquilo que não tinha antes. A traição é vista, então, como uma maneira de quebrar tamanha monotonia da vida de Estela, um dos temas a ser discutido neste artigo.

Em suma, percebe-se, então, um contraste entre as duas irmãs: a mais velha possuindo uma característica mais provocante e a mais nova como uma menina frágil e imaculada. Esse contraste é visto, também, pelas cores apresentadas para cada uma: enquanto uma apresenta cabelos louros, olhos azuis e pele clara, tendo uma aparência casta, demonstrando ingenuidade, a outra caracteriza-se por ter pele clara, mas que é “manchada” por seus cabelos negros e lábios rubros, como se algo tivesse rompido, de certa forma, sua pureza. Apesar do evidente contraste, assemelham-se em um ponto: ambas apaixonadas por Armando.

A partir disso, é possível destacar pelo menos duas representações distintas na obra, colocadas em contraste justamente para evidenciar pelo menos duas identidades femininas. É interessante notar que o próprio nome das personagens as definem ao longo da obra: Celeste, remetendo-se a algo celestial, ao céu, ao lugar divino e puro almejado por todos; Estela, remete-se à figura estelar, do astro com luz própria, uma grande esfera luminosa que no meio de tantas outras, busca realçar seu brilho até que um dia, por ventura do destino, apaga-se e morre.

### **Monotonia feminina e desejo sexual reprimido**

Podemos relacionar a busca de Estela pela novidade com o tema da monotonia feminina, ou seja, a essa vida estagnada que as mulheres tinham justamente por se manterem dentro de casa sob a tutela de seus maridos. Toda essa rotina é demonstrada pela protagonista Estela, a qual fica praticamente o tempo todo em casa cuidando de seus filhos, evidenciando, portanto, a vida limitada

que a mulher enfrentava em tempos da sociedade patriarcal. Tal rotina contribui para a frustração da mulher, fazendo com que não se sinta útil, ou então vazia por não experimentar coisas novas, já que ao subordinar-se ao homem, no caso, ao seu marido, faz com que sua vida seja voltada somente a ele, esquecendo de si mesma, abdicando de seus projetos de vida. Com isso, a relação com Armando seria uma forma de Estela libertar-se de tal monotonia, de fugir da sua realidade, descobrindo, inclusive, um relacionamento que não tinha com seu próprio marido Jorge. Ela vai atrás de libertar seu desejo sexual, o qual, também tópico muito discutido quando se trata dos movimentos feministas, fora reprimido por tanto tempo e que ainda perdura na sociedade atual como tabu.

Toda essa fuga da realidade não acontece de forma simples. Em diversas situações, Estela tem dramas de consciência, perdida no meio da luta entre a razão e a emoção. A dúvida permanece incessantemente em sua vida, lutando para libertar-se daquilo que ela não queria mais, mas que, ao mesmo tempo, parecia mais racional de fazê-lo. Estava lutando contra si mesma, questionando a todo momento: continuar em sua vida monótona ao lado de seu marido Jorge ou abandonar tudo e ir em busca de enfim conhecer o real sentido de viver e sentir algo com Armando?

É importante salientar também que, ao fugir da pequena realidade vivida pelas mulheres, ao buscar o novo, o misterioso, as mulheres eram rotuladas como rebeldes, já que desobedeciam aos paradigmas sociais estabelecidos na época. O comportamento feminino era visto, então, como próprio de ser comportado e casto, principalmente em mulheres solteiras. Soihet (2011) tece comentários a respeito da fuga das mulheres em diversas situações, sendo a fuga uma maneira das mulheres afirmarem suas insatisfações com a vida e, conseqüentemente, em busca de novas experimentações.

Na perspectiva que a obra nos apresenta, Estela define-se como grande transgressora do sistema, ameaçando não só manchar sua reputação aos olhos das pessoas, mas também a imagem de sua família: imagem representativa e exemplar para os modelos estigmatizados do século XX, a imagem da família perfeita. Isso só contribui para que a mulher seja punida por seus atos, já que qualquer ato imoral seria capaz de desonrar sua família, prejudicando-a.

Outra questão importante a ser discutida, aparente na obra aqui analisada, é a respeito do desejo sexual feminino como tabu, sendo, portanto, razão para toda repressão ao sexo sofrida pelas mulheres. Cabe aqui dissertar a respeito do desejo sexual e como era visto na época em que se dá a exclusão social das mulheres. No século XIX e parte do XX, a sexualidade feminina era reduzida à maternidade, reprimindo-as de seus desejos, destinando-se apenas à procriação, pois, caso contrário, a mulher que se mostrasse aparentemente sedutora era considerada perigosa, louca:

A menor sensibilidade sexual da mulher 'normal' – que subordina sua sexualidade à maternidade, em contraposição àquelas dotadas de erotismo intenso que se afiguravam como altamente perigosas, dada como criminosas, loucas, prostitutas – constituiu-se, durante o século XIX e parte do XX (SOIHET, 2011, p. 281).

Inclusive, o ato de vestir-se de forma erótica/sedutora, era visto como atitude de uma mulher indecente, julgando-a a partir de suas vestimentas. Vê-se aqui o papel moralizador não só respaldado pela sociedade, mas também pela Igreja, cuja instituição tinha grande poder de influência sobre as massas, remetendo sempre o desejo sexual à impureza da alma.

A mulher não tinha direito ao desejo sexual, pelo menos não de forma igualitária em relação ao homem. Havia a ideia de que o homem precisava se relacionar com as mulheres pois isso era algo inerente à sua natureza masculina, tratando o desejo sexual como algo neutro presente no homem. Já quando se tratava das mulheres, estas precisavam ser comportadas, o que acarretava na ideia de que o sexo, para elas, não era algo necessário, mas, pelo contrário, era algo impuro, contra as normas da sociedade. Ainda havia a ideia de que o sexo devia ser destinado apenas para procriação, ideologia pregada pelas instituições religiosas por tanto tempo a fim de moralizar a sociedade e impor costumes do bom comportamento aos olhos de Deus.

Todas essas restrições sexuais e morais contribuíram para que a mulher sofresse grande repressão a respeito do desejo sexual, fazendo com que aquelas que não mantinham a virgindade até antes do casamento fossem consideradas “manchadas”, impuras. Respaldado pela lei, de acordo com o Código Civil da época, o homem podia divorciar-se de sua mulher caso esta já tivesse se relacionado sexualmente com o outro homem: “§ 1º Em dez dias, contados do casamento, a

ação do marido para anular o matrimônio contraído com mulher já deflorada (arts. 218, 219, n. IV, e 220)". Já a mulher não tinha o mesmo direito.

O fato de relacionar-se e buscar o prazer sexual ameaçava a imagem da mulher não só em âmbitos sociais, sendo exposta aos mais cruéis julgamentos e punições, mas também em dimensões sagradas, ligadas às instituições religiosas, considerando que assim mancharia não só o corpo físico, mas também o espiritual, considerado um dos atributos provenientes de Deus: a alma. Como dito anteriormente, colocava em risco a reputação da própria família e de si mesma.

Logo, conclui-se que a relação matrimonial era a única porta de acesso à satisfação sexual da mulher, enquanto que para o homem, nunca fora preso a tais paradigmas: "o casamento constituía-se na única via de acesso para que a mulher ocupasse um lugar e um significado na sociedade, além de ser o espaço exclusivo permitido para o exercício de sua sexualidade, aí incluída a maternidade" (MAIA, 2016, p. 194). Andradina de Oliveira denuncia, portanto, as consequências que muitas mulheres da então sociedade patriarcal tiveram devido às ideologias morais estabelecidas na época.

As atitudes de Armando, por exemplo, diferenciam-se das personagens femininas: enquanto aquele costumava relacionar-se com diferentes mulheres em sua juventude, Estela casa-se o quanto antes para relacionar-se (ou subordinar-se) apenas a um homem, no caso, seu marido Jorge. Esse domínio sempre existiu na vida de Estela. Ao sair da casa dos pais, cria-se a ideia de maior independência, porém, no caso de Estela, sempre esteve sob o domínio de uma imagem masculina. Antes, a figura do pai como figura representativa e autoritária. Agora, com a realização matrimonial, sob o poder de seu marido. Muda-se apenas o *locus*, no entanto, o poder dominante continua a agir sobre ela.

Isso está relacionado também à questão do adultério. Estabelecendo uma comparação entre Armando e Estela, tratando-se dessa dicotomia entre homens e mulheres, havia grande diferença da relação extraconjugal quando tratada a partir de questões de gênero, já que era socialmente aceito que o homem se relacionasse com outras mulheres, já estas eram proibidas e excluídas do círculo social caso cometessem tal "crime".

O narrador nos mostra também uma grande batalha que Estela sofre consigo mesma, mais especificamente, contra seus desejos carnis, procurando satisfazê-los ao mesmo tempo que sua consciência parece querer falar mais alto, pelo menos inicialmente. “E sem se poder dominar vinha-lhe à mente a figura elegantíssima do rapaz [...] a despi-la, atrevidamente, com olhos vulcânicos” (OLIVEIRA, 2010, p. 100). E, para justificar isso, ou por uma forma de tentar escapar de tais pensamentos maliciosos, Estela culpa Jorge julgando que nenhum marido deve deixar suas mulheres expostas à tentação. Culpa, também, a carne por ser frágil e sobrepor-se ao caráter. Percebe-se aqui a ironia presente na narrativa já que tais argumentos utilizados são geralmente feitos por homens para culparem as mulheres diante de erros, porém, a situação recai sobre Estela, que utiliza o mesmo argumento para justificar-se.

É interessante ressaltar também o verdadeiro sentimento que Estela e Armando sentiam um pelo outro. Em alguns momentos, o narrador nos faz pensar que talvez seja um amor intenso, em vez de ser apenas uma passageira paixão e desejo físico pelo outro. Porém, esse “amor”, que fez Estela abandonar seus próprios filhos, não resiste, pois, durante a fuga dos dois, a consciência de ambos se mostra tão afetada que são incapazes de realmente ficarem juntos. Estela chega a repelir Armando pois tudo que restou a ela é entrar em profundo desespero e arrependimento. Enquanto Estela chora desesperadamente, pensando em todo o mal que causou à família, aos filhos, ao marido, Armando parece se recuperar mais rápido e consegue, inclusive, se entreter com outras atividades dentro do trem que estão situados: “Ah! Ele cantava! Podia cantar enquanto ela se estorcia de desespero! Cruel! Monstro que a arrojara ali naquele horrendo repúdio [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 239).

### **A representação do masculino em “O perdão”**

Da mesma forma que se pode estabelecer um contraste entre as personagens Estela e Celeste, há também uma oposição entre Armando e Jorge.

O sobrinho de Jorge, novo e solteiro, tendo uma vida inteira pela frente, parece desinibido quando se trata de sua relação com sua tia Estela. Ainda demonstrando certo respeito pela família que o acolhera, logo mostra seu desejo pela tia. Não tendo nada a perder, confessa a Estela o que sente.

Tamanho interesse que Armando sente por sua tia que um ato maternal, que demonstra uma ação de amor e ligação entre mãe e filho, acaba tendo conotação totalmente sexual aos olhos de Armando. Este chega a se curvar para poder ver sua tia amamentar seu filho apenas para suprir seus desejos, mal sabendo que mais tarde, tamanha cobiça se transformaria em desordem psicológica para toda a família e para si mesmo.

Em diversas passagens da obra, há aproximações da imagem de Armando com a de uma fera, um tigre que, com suas garras, está pronto para o ataque: “Um desespero dominou-a. Ser daquele homem... morrer estraçalhada nos seus dentes brancos, como uma presa nas garras de um tigre.” (OLIVEIRA, 2010, p. 129). Essa imagem do tigre “evoca, de forma geral, as ideias de poder e ferocidade; o que só comporta sinais negativos” (CHEVALIER, 2007, p. 883).

Inclusive, na cena do primeiro beijo de Estela e Armando, ele precisou de apenas alguns segundos para, então, atacar sua presa: “Ele, avançando para ela num ímpeto de fera, tomou-a de surpresa num amplexo terrível, como a despedaçar-lhe o corpo delicado envolto no *peignoir* de seda azul-claro” (OLIVEIRA, 2010, p. 158).

Percebe-se, portanto, que os próprios símiles atribuídos a Armando o caracterizam como dominante e, Estela, como dominada.

É interessante notar também o próprio nome dado ao personagem Armando, atribuindo-lhe a característica daquele que arma, que é ardiloso e está sempre armando algo para satisfação própria, representado metaforicamente pela fera, como um tigre avança para alcançar sua presa de forma feroz, bruta, representado pela seleção lexical da autora:

A infeliz, **subjugada de assalto**, sem poder fugir, **presa naqueles braços de ferro**, moços e apaixonados, sem querer gritar para evitar o escândalo, debatia-se como louca. O rapaz **esmagava**-lhe a boca com aqueles mesmos lábios gelados pela emoção. (OLIVEIRA, 2010, p. 158, grifos meus)

Já Jorge representa o homem idealizado, que justifica sua ausência na preocupação em manter sua família. O narrador nos dá a imagem de um homem sempre atencioso com seus filhos e apaixonado por sua esposa. Inclusive a descrição de sua aparência, em contraste com a de seu sobrinho, é uma maneira de

idealizá-lo: “Jorge parecia mais novo, vestido assim, e seus lindos cabelos loiros e olhos azuis o faziam tão delicado como se fosse uma gentil moça que se disfarçasse de homem com bigodes de ouro escondendo deliciosa boca” (OLIVEIRA, 2010, p. 169). Há, inclusive, certa aproximação de Jorge com uma figura feminina, caracterizando sua delicadeza.

### **Enfim, o perdão**

Toda a questão da pressão social sobre Estela fez com que ela se culpasse tanto por seus atos até não conseguir achar outra maneira de ser perdoada e esquecer de seu comportamento a não ser pela própria morte: “O céu era doce e tranquilo... Lá encontraria o seu Perdão” (OLIVEIRA, 2010, p. 304). Por sentir imensa culpa, o perdão pode estar relacionado à tentativa de se perdoar. Queria obter o perdão por suas atitudes lascivas e impróprias diante da família e, conseqüentemente, da sociedade em geral, o perdão por ter enganado Jorge, que sempre foi tão bom marido, o perdão por ter abandonado sua prole, deixando-os desamparados, o perdão de si mesma: “Súbito a infeliz sentiu-se outra, inteiramente transfigurada, inteiramente purificada, redimida da grande culpa!... E serena ficou-se entre as duas serenidades augustas do mar e do céu” (OLIVEIRA, 2010, p. 304).

Dessa forma, é possível dizer que a única forma que ela encontrou para obter o perdão de seus familiares e demais pessoas era através do seu suicídio, relacionando-se, portanto, ao título do romance.

O perdão também está ligado ao próprio ato de Armando que, em um primeiro momento, parece arrepende-se de aproximar-se de sua tia, induzindo-a à relação adúltera. Se culpa, portanto, por toda a desgraça da família, restando-lhe, apenas, pedir perdão a Estela por devida atitude e por ter proporcionado imenso sofrimento a ela. Logo, até o perdão diferencia-se em relação aos dois: para o homem, um simples perdão fora suficiente, para a mulher, restou-lhe apenas a morte.

É interessante notar como sua morte é descrita de forma poética, na qual o narrador nos descreve minuciosamente todo o cenário em volta de Estela, caracterizado fortemente pela presença da natureza, servindo-lhe como testemunha, como se esta estivesse amparando Estela em seu leito de morte, abraçando-a:

Era grandioso o espetáculo da noite! O infinito azul... o fulgor dos astros... o luar argenteando a **vastidão e intérmina das águas**... o silêncio religioso da hora... a paz do céu... e a **paz do mar**... deslumbraram Estela!

E um frêmito de heroicidade, pujante, regenerador, sublime, agitou toda a sua alma despedaçada. Súbito a infeliz sentiu-se outra, inteiramente transfigurada, inteiramente purificada, redimida da grande culpa!... E serena ficou-se entre as duas **serenidades augustas do mar** e do céu...

Contemplou, soberba, **o oceano imenso**... **Toda aquela água** não lavaria a mácula do seu corpo?!...

Ergueu os olhos, olhos esplendorosos...

O céu era doce e tranquilo...

Lá encontraria o seu Perdão... (OLIVEIRA, 2010, p.304, grifos meus)

Todos esses elementos da natureza, principalmente a água que envolve Estela, tem uma simbologia muito forte para intensificar o cenário em que Estela entrega sua vida. A água, por exemplo, abrange um grande número de significações, simbolizando desde a vida, até a morte. Toda essa ambivalência simbólica da água nos faz observar o cenário descrito em volta de Estela e quais possíveis significados podem estar relacionados. De acordo com Chevalier (2007), um dos valores da água é justamente o ato de purificação. Procura-se a imersão na água para purificar-se, física e espiritualmente, de possíveis máculas do ser humano. Daí, também, o valor religioso da água, do batismo, sendo um meio de alcançar o perdão dos próprios pecados. Com isso, analisa-se que a água, envolvendo Estela, simboliza a procura dela de purificar-se de suas máculas, de conseguir o perdão.

Por fim, toda essa repressão fez com que o final da narrativa fosse trágico com a total quebra dos valores morais que a família tinha diante às pessoas e com a morte de Celeste e Estela, ambas ocasionadas pela traição. Celeste não aguenta tamanho sofrimento e morre, enquanto que Estela tira sua própria vida. Aqui, se vê a morte como uma forma de cessar todo o sofrimento que Estela passava. Pode ser vista também como uma forma de redenção já que buscava o perdão de seus erros, dos quais tinha se arrependido amargamente, em seu suicídio. Estava presa a tamanha tortura e queria se libertar. Era uma maneira de findar seus pesadelos provenientes de toda a pressão psicológica que estava tendo justamente por saber que tomaria uma proporção muito maior diante das pessoas, recaindo uma pressão

social que ela não iria suportar. Pressão social que pode ser discutida por uma questão de gênero já que recai muito mais sobre a mulher.

Assim, todo o cenário em sua volta, na hora de sua morte, é descrito de forma grandiosa, tendo grande importância a fim de intensificar sua liberdade através do perdão que conseguiria: “Era grandioso o espetáculo da noite! O infinito azul... o fulgor dos astros... o luar argenteando a vastidão e interminável das águas... o silêncio religioso da hora... a paz do céu... e a paz do mar...deslumbraram Estela!” (OLIVEIRA, 2010, p.304). Por fim, todo o oceano lavaria seu corpo maculado, servindo-lhe como um abraço da natureza, único lugar possível para refúgio de Estela, que encontraria, enfim, seu perdão.

Por fim, mostramos que a obra de Andradina de Oliveira caracteriza-se por ser de grande importância não só para a literatura brasileira, mas para a história do país como um todo, já que coloca em evidência, por meio da ficção, a realidade do comportamento humano que ocorreu durante muitos anos e que ainda se encontra na sociedade atual. Com isso, considera-se o importante lugar que a mulher ocupou na sociedade e todas as consequências que as mesmas tiveram.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In.: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 149-168.

BRASIL. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. **Código civil dos estados unidos do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L3071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm)>. Acesso em: 08 mai. 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva et. al. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MAIA, Lucia Henriques. **O Perdão de Andradina de Oliveira**: Modernidade e *belle époque* em um espaço de passagem. Revista Porto das Letras, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 188-201, 2016.

OLIVEIRA, Andradina América de Andrade. **O perdão**. Florianópolis: Mulheres, 2010.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 63-95.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 263-283.

Artigo recebido em setembro de 2017.

Artigo aceito em abril de 2018.